

**ORE ET LABORE:****O CULTIVO DA TERRA NA TRAPA MARISTELA, TREMEMBÉ – SP (1904 – 1931)**

**Autor<sup>1</sup>: José Eduardo M. Manfredini Junior**  
**Orientador<sup>2</sup>: Prof. Dr. Cyro de Barros Rezende Filho**

<sup>1</sup>Núcleo de Pesquisa em História – NPH: UNITAU / Departamento de Ciências Sociais e Letras / Rua Visconde do Rio Branco, 22 – Taubaté - centro / [je.manfredini@gmail.com](mailto:je.manfredini@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade de Taubaté / Departamento de Ciências Sociais e Letras/ Rua Visconde do Rio Branco, 22 – Taubaté - centro / [profcyro@yahoo.com.br](mailto:profcyro@yahoo.com.br)

**Resumo** – Em 1904, fugindo das perseguições da República Francesa, os monges da abadia de Sept-Fons, da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, mais conhecida como Ordem Trapista, adquiriu em Tremembé - SP, a antiga fazenda de café “das Palmeiras”, abandonada desde 1888. Com um projeto audacioso e em um curto período, os monges e seus colonos reconstruíram a fazenda e deram início às atividades agrícolas que iriam transformar a paisagem local e influenciar toda região com a rizicultura que lá iniciaram. Ao mesmo tempo, construíram uma harmonia entre o homem e a natureza, que atraía e encantava aqueles que visitavam o local. Com base em reportagens de jornais, testemunhos e relatos da época, e tendo por base o conceito de micro-história, este artigo apresenta parte de uma pesquisa mais ampla sobre a história da construção da Trapa Maristela e das atividades agrícolas desenvolvidas no seu interior, no período de 1904 a 1931.

**Palavras-chave:** arroz, agricultura, Trapa Maristela, trapistas, Tremembé.

**Área do Conhecimento:** História

**Introdução**

Tendo em vista que, a atuação dos monges trapistas em Tremembé, entre 1904 à 1931, foi pouco estudada, o presente trabalho visa apresentar uma pequena parcela de uma pesquisa mais ampla. Dessa forma, pretende-se tornar conhecida a relação entre os religiosos e seus colonos, e desses com a natureza.

Desde o início, 1904, os monges optaram pela mão-de-obra cabocla indo de encontro com a prática usual da época, ou seja, da contratação de imigrantes. Destarte, conseguiram em pouco tempo reconstruir a fazenda de café “das Palmeiras”, abandonada desde 1888, por ocasião da Lei Áurea. Com um plano audacioso, os trapistas conseguiram transformar sua propriedade, que passou a se chamar Trapa Maristela<sup>1</sup>, em um oásis de progresso, atraindo a atenção e os olhares dos governantes, das oligarquias regionais e da imprensa.

Em pouco tempo, a Trapa Maristela passou a ser uma grande produtora de arroz e de outros gêneros agrícolas, graças ao trabalho sistemático que ali foi implantado. Juntamente com a transformação da propriedade, os caboclos também passaram por um processo de desenvolvimento humano. De indolentes e preguiçosos passaram a ser vistos, pela elite local e pelo governo do Estado, como uma potencial força de trabalho.

As atividades na Trapa eram intensas e variadas, exigindo dos religiosos e dos caboclos uma atenção especial para com o meio ambiente. Isso proporcionou o uso racional dos recursos naturais, o que levou ao sucesso do empreendimento trapista. Em 1931, a propriedade foi vendida e o último grupo de monges voltou para a Europa. No entanto, na natureza e nos colonos a transformação estava consolidada. Transformação que todo o Vale do Paraíba havia sentido, principalmente nas suas várzeas cobertas pelas plantações de arroz.

<sup>1</sup> Maristela (estrela do mar) é um dos títulos atribuídos à Virgem Maria.

## Metodologia

Tendo em vista o objetivo de analisar as atividades desenvolvidas no interior da Trapa Maristela, principalmente as agrícolas, buscou-se levantar as fontes através de reportagens de jornais da época, que circulavam em Taubaté, no Arquivo Histórico Dr. Félix Guisard Filho, na Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico de Taubaté. Além disso, utilizou-se testemunhos e relatos contidos na bibliografia relacionada ao assunto, e ainda, a historiografia relacionada ao contexto nacional e regional, disponível nas bibliotecas da Universidade de Taubaté – UNITAU.

## Resultados

Pode-se afirmar que, através da análise das reportagens, dos testemunhos e dos relatos das atividades desenvolvidas na Trapa Maristela, essa representou e se tornou um ímã e um marco de referência e, ao mesmo tempo, de ruptura para a sociedade da época, ao menos para a sociedade tremembeense.

Além disso, pôde-se ver o quanto aquela comunidade religiosa contribuiu para o crescimento e desenvolvimento da região. Ainda hoje, as várzeas são cobertas pelo manto de veludo verde que aos poucos se torna dourado, e que, quando o vento sopra balançando as espigas cheias, traz a lembrança daquelas pessoas que abriram os canais e plantaram as primeiras sementes.

Ao mesmo tempo em que nascia o arroz e se colhia o café, nascia um novo mundo, uma nova vida, para os caboclos que viviam marginalizados e para os monges que tinham deixado na abadia de Sept-Fons seus corações. A Natureza se tornava assim o elo que os unia.

Dessa forma, a experiência Trapista em Tremembé foi ímpar, não apenas porque aconteceu naquele momento histórico, mas pelas suas características e impactos sociais e econômicos num momento crítico da história nacional, momento de busca e definição da identidade e do fortalecimento econômico.

## Discussão

Em 13 setembro de 1904, a pequena cidade de Tremembé testemunhava um acontecimento que iria mudar a sua história. Mudança que iria ser sentida em todo o Vale do Paraíba e em todo o Estado de São Paulo. Quinze monges vindos da

França, da Abadia Trapista de Sept Fons<sup>2</sup>, chegavam à antiga fazenda de café “das Palmeiras”.

Situada aos pés da Serra da Mantiqueira e pertencente, até então, ao Barão de Lessa, o local estava abandonado desde 1888, por ocasião da abolição da escravatura. Nas malas, além da saúde, os religiosos traziam muitos planos, sobretudo o de adequar a propriedade para receber parte ou toda a comunidade que tinha ficado na França.

Nesse período, a República Francesa, seguindo as tendências de laicização do final do século XIX, empreendeu uma intensa perseguição à Igreja e às Ordens Religiosas. Assim sendo, em 1904, depois de procurar em outros locais, o abade do mosteiro, Dom Jean Baptiste Chautard, adquiriu a Fazenda das Palmeiras, a qual passou a se chamar Trapa Maristela.

Ao chegarem, os monges se depararam com um cenário desolador, onde “em tudo reinava o abandono” (AUDRÁ, 1951, p. 38). Assim que se instalaram, contrariando a prática usual no Brasil de contratar trabalhadores imigrantes, os religiosos optaram pelo o trabalho dos “piraquaras”<sup>3</sup> – caboclos da região, que nesse contexto eram vistos como, preguiçosos, indolentes e inadequados para substituir a mão-de-obra escrava. Destarte, deram início à reconstrução da fazenda e da adaptação da casa principal, para que essa pudesse atender as necessidades de uma comunidade religiosa.

Ao mesmo tempo em que isso era feito, os religiosos atuavam junto da população cabocla que ali vivia, construindo casas de alvenaria e cuidando dos vários problemas de saúde que essa população ribeirinha apresentava. Era um verdadeiro mutirão, muitos braços reconstruindo um lugar e, ao mesmo tempo, construindo o sonho de uma vida melhor.

Um dos pontos que caracterizam a Ordem Trapista é a sua dedicação à atividade agropastoril, sendo ela conhecida, ainda hoje, em todo mundo pelos seus sucessos na zootecnia e em outras áreas afins.

A chegada da Ordem no Brasil, que naquela ocasião lutava para vencer as dificuldades na produção de gêneros agrícolas, travada, ainda, por métodos que se arrastavam desde o período

<sup>2</sup> A Abadia de Notre Dame de Sept-Fons está localizada numa pequena comunidade chamada Dompiere-sur-Bresbe na região da Auvérnia, França, foi fundada em 1132. Até 1845, foi reconstruída várias vezes por ter sido alvo de guerras e revoluções.

<sup>3</sup> Piraquara: do Tupi pirakuára ou piraguara: o pescador, aquele que vive do peixe, o comedor de peixe. Alcinha com que se designam os moradores das margens do rio Paraíba do Sul, cuja ocupação principal é a pesca.

colonial, representava um sinal de esperança. Mal tinham se instalado e os monges já eram vistos, pela imprensa local e especializada, como “redentores”.

Homens do seu tempo, evoluindo com sua época, os trapistas vão ser no Brasil fatores do mais sólido e brilhante progresso da nossa agricultura. O *Jornal dos Agricultores*, disse-o o nosso diretor a Dom Alexis, faz voto para que dentro em breve as trapas se multipliquem no nosso território, pois cada uma delas será, nos estados brasileiros, um centro irradiante de progresso. Todos os brasileiros devem se esforçar para facilitar o desempenho de missão de tanta benemerência e alcance (JORNAL DE TAUBATÉ, 28 set.1904, p.01).

Em fevereiro de 1905, o *Jornal de Taubaté* (14 fev. 1905, p. 3) noticiava: “[...] O aspecto geral da propriedade, há longos anos abandonada, é hoje outro, graças á alta competência dos rvs. Trappistas”. Isso demonstra com que rapidez os monges e os caboclos conseguiram colocar as coisas em ordem, fruto da união e da harmonia que existia entre eles. Foi um verdadeiro encontro de intentos, de um lado pessoas marginalizadas que viviam em condições sub-humanas e que, precisavam de ajuda e estímulo, e do outro, a comunidade religiosa com a difícil tarefa de construir um novo lar.

Segundo padre Gaffre (1912, p. 293), “Au commencement, Le Père Alexis eut sous ses ordres jusqu’à cinq cents travailleurs”<sup>4</sup>, que trabalharam sem cessar nas lavouras, na criação de animais, na construção e adaptação da casa, na desobstrução e construção dos canais e em outras atividades. Dentre essas, se destaca a limpeza da parte baixa da propriedade que contava com 400 hectares de várzea coberta por uma espessa vegetação. Essa área seria destinada à rizicultura, sendo esta a atividade agrícola da Trapa que mais se destacou. Antes, sem sucesso, ela tinha sido tentada pelo governo de São Paulo. No entanto,

[...] graças ao trabalho e estímulo que os trapistas deram à cultura do arroz em grande escala, toda planície, bordejando as duas margens do Paraíba, desde Jacaré até Guaratinguetá, passou a ser trabalhada e cultivada segundo os processos dos padres [...] (AUDRÁ, 1951, p.45).

O bom êxito só foi possível graças ao conhecimento e a ação inovadora dos religiosos,

<sup>4</sup> “No começo, Padre Alexis teve sob suas ordens até quinhentos trabalhadores”.

que não mediram esforços para conseguir fazer com que a terra desse fruto e os piraquaras tivessem uma vida mais digna. Prova disso foram os investimentos que fizeram em ferramentas e maquinários, além do esforço na organização racional do trabalho. Em visita a Tremembé, Miguel Guedes Nogueira, membro da “Sociedade de Agricultura Alagoana”, testemunha o que encontrou ao visitar a Trapa:

[...] sacerdotes e leigos, entregues aos trabalhos de cultura, coadjuvados por mais de sessenta trabalhadores alegres, satisfeitos, esforçados.

Dispondo de aperfeiçoado instrumental agrário, os padres Trappistas dirigiam as charruas, os arados, os cultivadores, os rolos, os scarificadores, as grades, os sulcadores, os semeadores, numa operosidade de encantar, preparando a terra para a sementeira dos feijoeiros, ou capinando, com os *Planet*, os extensos arrozaes das várzeas [...] (JORNAL DE TAUBATÉ, 14 fev. 1905, p. 3).

Esse empenho iria se refletir no sucesso das colheitas e na repercussão que o trabalho na Trapa teve em todo o estado de São Paulo, ocasionando, no dia 27 de abril de 1908, a visita do então presidente do estado, Albuquerque Lins e do secretário da agricultura, Carlos Botelho. No seu discurso, Botelho disse: “si é necessario que a Secretaria da Agricultura tenha uma tradição, essa ahi está no trabalho dos Trappistas, e sel-o-á effectivamente” (*Jornal de Taubaté*, 30 abr, 1908, p. 02).

A repercussão das atividades na Trapa fez com que ela se tornasse referência em todo o Estado de São Paulo e até na capital do país. Dessa forma, o local passaria a receber visitas de várias pessoas interessadas em presenciar o que estava ocorrendo ali, transformação na natureza através da agricultura que refletia na mudança de vida dos piraquaras. O que se via eram monges e famílias em harmonia, extraído da terra o próprio sustento e dessa forma, influenciando indiretamente na política, na economia e, principalmente, na opinião pública, que antes via os caboclos com indiferença e discriminação. Para isso, basta lembrar a definição de caboclo de Monteiro Lobato:

[...] Este funesto parasita da terra é o caboclo, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças [...] (Lobato, 1955, p. 271).

Mas os monges queriam mais, queriam expandir e aumentar significativamente a produção. Para isso, importaram dos Estados

Unidos máquinas, construíram dois silos e galpões para abrigar os maquinários e estocar o arroz que seria ensacado. Segundo o jornal “A Federação” (23 ago. 1911, p. 2), em 1911, as colheitas atingiram 20.000 sacas; e, de acordo com o jornal “Correio de Taubaté” (7 jul.1929, p. 3), entre os anos de 1908 a 1918, a produção variou de 6.000 a 10.000 sacas por ano. Com isso, houve a necessidade de meios para escoar a produção de maneira mais rápida e eficaz.

Mas não era só a produção que aumentava, a comunidade religiosa também crescia com a chegada de mais monges de Sept-Fons. Enquanto isso na cidade, o povo se alegrava pelo progresso que Tremembé estava vivendo.

A pedido de Dom Chautard, em 1913 começou a ser construída a variante da Estrada de Ferro Central do Brasil – EFCB em Tremembé, entre o trecho de Pindamonhangaba e Taubaté. No dia 26 de julho de 1914, a variante foi inaugurada, contribuindo ainda mais para o sucesso dos trabalhos na Trapa e, conseqüentemente, para o aumento da produção de arroz.

A cidade de Tremembé ganhou enormemente com as culturas e arroz iniciadas pelos padres trapistas, visto como estes empregavam habitualmente no amanho das terras de duzentos a trezentos colonos residentes na cidade (AUDRÁ, 1951, p. 45).

Os trapistas produziram arroz até 1926, quando foram obrigados a vender a parte baixa da propriedade e iniciar o processo de retorno da comunidade religiosa para a Europa.

Além de cultivar o arroz, os religiosos ensinaram todo o processo aos italianos da Colônia de Quiririm, em Taubaté.

[...] Os italianos aprenderam com os monges trapistas [...] a cultivar nas várzeas o arroz de um modo mais racional, modificando assim a cultura tradicional do café. A Colônia de Quiririm passou a produzir um dos melhores grãos de arroz do Brasil [...] (SOCIETÀ 30 DI APRILE, 1997, p.34).

Talvez, nunca na história de Tremembé uma propriedade privada foi tão importante e influente quanto a Trapa Maristela, visto toda a transformação que essa empreendeu na economia, na natureza e na vida social do centro urbano. O trem também transportava passageiros e era tido, nesse momento da história nacional, como sinônimo de progresso.

Durante os vinte e sete anos que os monges estiveram na cidade, atuaram em várias frentes. Já em 1904, o plano dos religiosos revelava-se audacioso:

Na Trapa de Tremembé, cujas terras são excelentes e cujo clima é de veras ameno, vão ser iniciados trabalhos metódicos para seleção das raças animais do Brasil, especialmente de gado vacum, suíno e ovino, assim como de aves domésticas – galinhas, galinhas, perús, patos, gansos, etc. Seleccionados os tipos, distinguir-se-ão as nossas raças – e as temos magníficas, disse-nos Dom Alexis – e estudar-se-ão as pastagens dos cruzamentos com raças superiores estrangeiras, sob o ponto de vista da carne, do leite e da força [...] (JORNAL DE TAUBATÉ, 28 set.1904, p.01).

Além do arroz, fabricavam também os famosos “Queijos da Trappa Maristella” que eram vendidos principalmente em Taubaté, e em toda região. A parte montanhosa da Trapa foi

[...] destinada á cultura do café, os pastos para o gado necessário aos trabalhos e ao mesmo tempo para vaccas leiteras, que produziram o leite necessário para o consumo da comunidade e para a fabricação do queijo PORT DU SALUT, tão apreciado pelos entendidos.

Persistindo sempre, e augmentado anno a anno, conta a propriedade hoje mais de 250.000 pés de café... A fazenda tem 180 cabeças de gado; bois para o trabalho, vaccas, cavallos, mullas, etc. [...] (CORREIO DE TAUBATÉ, 07 JUL. 1929, p. 2).

O pequeno trecho acima elucida o quanto as atividades dentro da propriedade eram intensas e diversificadas. Porém, isso não fez com que os monges e colonos explorassem a natureza de forma indiscriminada. Souberam viabilizar e executar seus projetos sem agredir a beleza “soberba” que a Serra da Mantiqueira e a várzea lhes apresentavam.

Em 1916, Papaterra Limogi, funcionário do Departamento Estadual do Trabalho de São Paulo, em visita aos trapistas afirma que, o trabalho na Trapa,

[...] vem ferir de morte dois preconceitos vergonhosos, que já iam adquirindo a rigidez de dogmas: o da esterilidade do valle do Parayba e o da indolencia dos seus trabalhadores ruraes [...] (LIMONGI, 1916, p. 353).

Enfim, a ação dos monges trapistas e dos caboclos na Trapa Maristela foram um exemplo para a sociedade. Influenciou a opinião pública e trouxe conseqüências econômicas e sociais que causaram um avanço para a época, tornando-se, sem dúvida, um dos pontos de ruptura na história de Tremembé e do Vale do Paraíba, que novamente passou a ter destaque na economia, principalmente devido a produção de arroz.

Em 1927 os monges começaram a voltar para a Europa, sendo que o último grupo partiu em novembro de 1931. Levavam consigo mais do que a saudade. Levavam no coração a certeza de que ajudaram a construir a identidade de um povo através do cultivo da terra e do contato harmonioso com a natureza.

Já os caboclos de Tremembé, passaram a ser vistos como modelos a serem seguidos. Como resultado de uma experiência bem sucedida, que traria a solução de alguns problemas que se apresentavam na época: a questão da identidade do brasileiro e da mão-de-obra necessária para construir o país.

### Conclusão

A atuação dos monges trapistas em Tremembé foi um divisor de águas que marcou a pequena cidade. Suas várzeas ficaram cobertas pelo manto de veludo verde e dourado, mesmo que através do tempo, este tenha diminuído ou se “desfiado” pela ação predadora de extração de areia no Vale do Paraíba.

Porém, as atividades agrícolas desenvolvidas naquela época na Maristela, conseguiram transformar o meio ambiente e os homens. A partir do trabalho e do cultivo da terra, fica evidente a interação harmônica que ocorreu entre o homem e a natureza.

Isso foi um processo natural, resultante, talvez, da tradição monástica e da consciência de um desenvolvimento onde o ser humano e o meio ambiente devem estar em perfeito equilíbrio.

Enfim, a Trapa Maristela contribui de forma significativa para a História regional, deixando suas marcas na cultura, no espaço e principalmente na memória dos habitantes de Tremembé.

### Referências

AUDRÁ. A. **Maristela – O Convento da Trapa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

GAFFRE. L. A. **Visions du Brésil**. Paris: Aillaud, Alves e Cia, 1912.

LIMONGI, J. P. **O Trabalhador Nacional**. In: Boletim do D.E.T. São Paulo. Ano V, n. 20, 3º trimestre de 1916.

LOBATO, J. B. M. **Urupês**. 32 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

OS TRAPPISTAS. **O Jornal de Taubaté**. Taubaté, ano 11, n. 1827, p 1, 28 set. 1904.

OS TRAPPISTAS. **O Jornal de Taubaté**. Taubaté, ano 11, n. 1904, p 3, 14 fev. 1905.

EXCURSÃO Á TRAPPA MARISTELLA. **O Jornal de Taubaté**. Taubaté, ano 14, n. 2409, p 2, 30 ABR. 1908.

SOCIETÀ 30 DI APRILE, **Quiririm - presença e história italiana**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

TRAPPA DA MARISTELLA. **Correio de Taubaté**, Taubaté, ano 04, n. 348, p 2-3, 7 jul. 1929.

TREMembé – O MUNÍCIPIO, os trapistas, a cultura do arroz e os trabalhadores nacionais. --- **A Federação**, Taubaté, ano 03, n.146, p 2-3, 23 ago. 1911.